Angústia

Ida Freitas

Apresentação do livro *Angústia*, organizado por Ida Freitas. Salvador, Associação Científica Campo Psicanalítico, 2006.

A angústia sempre foi objeto de atenção e interesse na clínica. Freud procurou entender a função do afeto de angústia para a mente, assim como para a direção da análise, situando-a, principalmente, como um sinal de perigo em face de uma ameaça, que não é outra senão a de castração.

Em *Inibição, sintoma e angústia*, encontramos a indicação de que não há afetos inconscientes, daí ser a angústia algo que o sujeito padece; é, portanto, um fenômeno corporal, que faz o sujeito voltar-se narcisicamente sobre seu corpo.

Para Lacan, todos os afetos enganam – porque são migratórios, se deslocam ao longo da cadeia significante – enquanto os significantes são objetos do recalque. A angústia, ao contrário dos demais afetos, não desliza na cadeia significante, não se refere ao significante enganador, mas ao real; ela é índice de um real indizível, que o significante não pode captar.

A clínica psicanalítica constata que a angústia pode surgir em diversos momentos. Pode ser o que leva alguém a iniciar uma análise, pode emergir ao se tocar na consistência do sintoma, pode irromper do encontro contingente com o real, pode fazer parte da proximidade do seu final.

Sabe-se também que ela pode ser desencadeada pela queda de certas identificações, pela perda de ideais, pelo encontro com a castração e pelo desvelamento do sem sentido do significante, envelopado nas incontáveis metáforas e metonímias da fala.

Ao analista caberá manejá-la, dar um tratamento ao real para o qual ela aponta, seja pelo percurso do trabalho com o sintoma, seja sustentando na transferência o impossível do real.

A coletânea *Angústia* pretende abordar algumas dessas questões e muitas outras ao longo de suas cinco seções: *Conferência*, *Constituição do sujeito e angústia*, *Dimensões clínicas da angústia*, *Topologia da angústia* e *Crítica à medicalização da angústia*.

Em *Conferência*, o escritor baiano Hélio Pólvora brinda esse livro com *A angústia contemporânea na obra de ficção*, em que

tece ricas reflexões sobre o tema. Refere-se, a princípio, à relação do artista com a angústia, afirmando que: "o artista canaliza a sua angústia, consegue abafá-la e, em certos casos, minimizá-la ou disfarçá-la, mas ela jamais se deixará domar por ser justamente corpo e espírito da fragilidade do ser".

Percorre, em seguida, um vasto caminho, passando por Freud, pelos filósofos, por exemplo Kierkegaard, pela mitologia e por diversas referências literárias. O autor não só aborda o tema da angústia pela lente da literatura ficcional, como também comenta fatos da realidade atual e a relação desses com temáticas da literatura que refletem essa realidade, analisando, por exemplo, o século XX como "um retrocesso à Idade das Trevas, um período em que prevaleceu mais que o medo da finitude pessoal e coletiva, o medo metafísico da perda de uma identidade consciente".

O escritor conclui sua primorosa conferência, com a receita filosófico-existencial de Kierkegaard para a angústia: "ter paixão pelo possível".

A seção *Constituição do sujeito e angústia* reúne quatro artigos: no primeiro, Antonio Quinet, ao percorrer os principais textos de Freud e Lacan a respeito da angústia, propõe uma relação entre os termos mãe e pai, angústia e sintoma, relação que desenvolve através dos conceitos de alienação e separação e do matema da metáfora paterna.

No segundo artigo, Sonia Campos Magalhães parte da questão "O que é, para a psicanálise, uma criança?" e privilegia como resposta possível a definição: "a criança é o sujeito que ainda não tem responsabilidade por seu gozo". Dessa definição destaca a temporalidade lógica e a constituição do sujeito, o que a leva a perguntar: "Como vem a angústia se situar aí? Qual a sua função em relação aos tempos de efetuação da estrutura?"

O terceiro trabalho apresenta uma reflexão sobre a adolescência que recorre à literatura e à clínica, e aborda principalmente as vicissitudes da relação do sujeito com a imagem especular, situando aí a angústia.

Em *A casa do homem*, quarto artigo dessa seção, Olga Sá Ferreira, considerando a formulação de Lacan de que não se pode falar de angústia sem referência ao objeto *a*, assim como não se pode falar de constituição de sujeito sem referência ao mesmo objeto *a*, chega ao seguinte enunciado dedutivo: advento do sujeito e angústia estão intimamente relacionados, que desenvolve ao longo do texto.

A seção *Dimensões clínicas da angústia* compreende cinco trabalhos. *Considerações sobre a angústia na clínica psicanalítica* é

o artigo de Angélia Teixeira, que traz uma cuidadosa reflexão e observações clínicas acerca do manejo necessário da angústia no dispositivo analítico.

Clarice Gatto, em *A angústia na neurose obsessiva*, realiza uma pesquisa acerca da formação dos sintomas nessa estrutura clínica, percorrendo os textos freudianos e concluindo seu percurso, em que se apóia no cogito cartesiano e nos desenvolvimentos de Lacan sobre o pensamento de Descartes, com a idéia de que o modo particular do sujeito obsessivo lidar com a angústia se dá através da dúvida: "Duvido, logo sou, ou seja, existo".

A angústia na fobia e no pânico, artigo de Amélia Almeida, situa esse afeto como um sinal daquilo que se opõe à emergência do sujeito nas repetidas operações de separação do campo do Outro ou do que põe o sujeito em estado de vacilação ou *fading* nos momentos de encontro do real. Assim, afirma que, se a fobia é uma defesa contra a angústia de castração, dando uma medida e estabelecendo certas condições para que ela compareça, o pânico – termo que relembra não ser novo – é uma expressão da irrupção direta, súbita e intensa do afeto da angústia, fora de toda a rede de significações ao alcance do sujeito. As questões da falta e do encontro com o real são aí articuladas para situar o substrato da angústia num e noutro caso, respectivamente.

"Existiria uma angústia de morte?" é a pergunta que permeia todo o artigo de Soraya Carvalho, *Angústia da morte*. A angústia é localizada pela autora como o afeto próprio do ser de linguagem e o que melhor representa sua condição de sujeito, ao passo que a condição de mortal lhe dá o estatuto de humano e articula os termos angústia e morte via gozo. "A angústia de morte poderia ser traduzida como o gozo da morte". Tomando a morte quando "escolhe" o sujeito, diz que a angústia se apresenta aí como uma experiência de castração. Tomando a morte quando é uma escolha do sujeito, refere a angústia como avassaladora, irrupção do real experimentada no corpo: angústia de vida e não da morte.

Encerrando a seção, *O teatro da histeria*, de Véra Motta, faz um comentário da peça de Antonio Quinet, *A lição de Charcot*. A princípio, explica a estrutura da peça, que se constitui de um prólogo e quatro atos, e situa o contexto histórico onde se desenrola sua ação. Indica, a seguir, que a intenção do autor é a de falar da histeria a partir do teatro: "Se o sujeito histérico é ator de uma peça cuja escrita é inconsciente, pôr em cena a histeria é revelar igualmente a expressão histérica da ópera".

Topologia e angústia, terceira seção da coletânea, tem como primeiro artigo *Algumas articulações sobre o estádio do es-*

pelho no Seminário da angústia, no qual Elaine Foguel destaca a importância do estádio do espelho no ensinamento de Lacan, especialmente no período de 1949 a 1962, e situa o momento da inserção da topologia de superfície, quando Lacan formaliza o objeto *a* na sua relação com o sujeito. E localiza o retorno de Lacan ao modelo óptico no *Seminário – livro 10*, articulado ao desencadeamento da angústia: "essa ocorre quando a castração ao gozo ameaça desaparecer do lado do Outro".

Em seguida, Jairo Gerbase, autor de *MAS*, prometendo explicar a frase quase inexplicável de Lacan "a angústia é simbolicamente real", levanta a hipótese de que o que angustia é o sem sentido do significante, desenvolvendo ao longo do artigo os efeitos dessa hipótese nos campos da neurose e da psicose.

Essa seção se conclui com o artigo *Pulsão e angústia*, no qual, inicialmente, José Antonio Pereira da Silva fundamenta o conceito de pulsão, para daí buscar as possíveis articulações entre pulsão e angústia. Situa, assim, o ponto de angústia no nível do corpo da mãe, no qual estaria implicada a pulsão oral, localizando em seguida o ponto de angústia numa posição inversa a essa primeira, que corresponderia ao próprio orgasmo.

Na seção *Crítica à medicalização da angústia*, Cristiane Oliveira, em seu artigo *Sobre a medicalização da angústia na atualidade*, pretende refletir sobre a crescente difusão da medicalização da angústia em nossos tempos, adotando como estratégia a discussão sobre o biopoder, o que a leva a pensar que "o problema da medicalização da angústia transcende o uso indiscriminado de ansiolíticos. Inscreve-se, antes, nas seduções da biopolítica, na submissão escravizada ao imperativo de aceleração dos processos produtivos, na exigência de desempenho e na moral do espetáculo".

Em *O sintoma sem sujeito da psicofarmacologia*, Marcus do Rio Teixeira comenta uma matéria da *Folha de S. Paulo* sobre um determinado "transtorno" psicológico. Esse artigo de jornal, como tem sido habitual na mídia, traz uma explicação que desconsidera qualquer especificidade do quadro em questão, demonstrando um caráter genérico e estereotipado, o que leva o autor, primeiramente, a deduzir que "se uma enorme variedade de quadros pode ser reduzida a uma causa comum – diminuição da quantidade de neurotransmissores – e a um tratamento com praticamente as mesmas substâncias – antidepressivos –, a nosologia perde o seu sentido", e, em seguida, a perguntar: "por que a psiquiatria contemporânea abriria mão da sua clínica, da sua história, para aderir a uma nosografia empobrecida, que dispensa a clínica e prefere enfatizar supostas semelhanças, em detrimento da singularidade de cada quadro?".

Finalmente, Jairo Gerbase autor de *Ataraxia*, faz considerações a respeito da hipótese neuroquímica dos transtornos ansiosos e da hipótese psicanalítica para a angústia, mostrando a oposição entre esses dois campos. Para Gerbase, a psiquiatria biológica trata a angústia a partir de um *déficit* neuroquímico, enquanto, para a psicanálise, a angústia sucede a uma perda de objeto, entendendo-se perda de objeto como perda de sentido. "Quando o sentido se ausenta, o sujeito fica vazio de significação e é então invadido pela experiência de gozo".

O Campo Psicanalítico, ao organizar a coletânea *Angústia*, pretende oferecer ao público leitor o produto de um ano de debates sobre o tema e contribuir de alguma forma para a reflexão acerca de tantas questões suscitadas por esse afeto.

Boa leitura!

recebido
25/08/2006

aprovado
19/09/2006